

## História da literatura: uma forma de instigar e encantar o leitor

Elisangela da Rocha Steinmetz<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma história da literatura, como contá-la? Por onde começar? Que autores selecionar, dado o grande número de produção de certas épocas, como abranger tudo? Essas e outras questões podem povoar o pensamento e o procedimento de escrita de quem se lança a esta tarefa que exige extrema dedicação: escrever uma história da literatura. Alexei Bueno, poeta nascido em 1963, realizou essa árdua, mas imagina-se, prazerosa, tarefa, escreveu *Uma história da poesia brasileira*. Assim é, pensando sobre estas questões (além de outras), que o presente trabalho propõe-se a examinar o percurso traçado por Alexei Bueno em sua obra, *Uma história da poesia brasileira*, e o diálogo que seu texto estabelece (ainda que o faça de modo indireto) com algumas teorias da História da Literatura. Em especial com o conceito de influência que, segundo Eliot, é um princípio de crítica estética; o mesmo tipo de crítica que se propõe a realizar Bueno em seu trabalho: "O ponto de vista com que nele analisamos a poesia brasileira é estético, não sociológico ou outros" (BUENO, 2007).

**Palavras-chave:** História da Literatura, teoria da literatura, poesia, crítica.

**Abstract:** A history of literature, how to tell it? Where to start? Which authors to select, given the large number of production of certain times, how to cover everything? These and other questions can occupy the thinking and writing procedure of one who embarks on this task which requires extreme dedication: writing a history of literature. Alexei Bueno, a poet born in 1963, performed this arduous but, we suppose, pleasurable task, he wrote *Uma história da poesia brasileira*. Thus, thinking about these (and other) questions, the present work proposes to examine the path traced by Alexei Bueno in his work, *Uma história da poesia brasileira*, and the dialogue that his text establishes (although he does it indirectly) with some theories of History of Literature. Especially with the concept of influence which, according to Eliot, is a principle of aesthetic criticism; the same kind of criticism that Bueno proposes to carry out in his work: "O ponto de vista com que nele analisamos a poesia brasileira é estético, não sociológico ou outros" (BUENO, 2007).

**Keywords:** History of Literature, theory of literature, poetry, critique.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande - FURG

## Introdução

Uma história da literatura como contá-la? Por onde começar? Que relações estabelecer? Que autores selecionar, dado o grande número de produção de certas épocas, como abranger tudo? E isto, por acaso, é possível? Como tratar a produção contemporânea, onde se torna ainda mais difícil um juízo de valor? Juízo de valor? Será possível escrever uma história da literatura sem que se deixe nela, ainda que minimamente, alguma marca de apreço ou mesmo de despreço pelo objeto de estudo? Como? Qual a medida, que tipo de distanciamento real consegue quem escreve uma história da literatura? O que demarcaremos como parâmetro para compô-la e apresentá-la? Para quem escrevê-la, que tipo de leitor pretendemos alcançar? E, ainda, qual a finalidade de escrever-se hoje uma história da literatura? Registro histórico? Manual de consulta para acadêmicos, ou leitores apaixonados? Essas e outras questões podem povoar os pensamentos e o procedimento de escrita de quem se lança a esta tarefa que exige extrema dedicação: escrever uma história da literatura.

Alexei Bueno, poeta nascido em 1963, na cidade do Rio de Janeiro, realizou o percurso dessa árdua, mas imagina-se, prazerosa, tarefa, que é escrever uma história da literatura, no caso *Uma história da poesia brasileira*. Sim, entre os três grandes gêneros literários: narrativo, dramático e lírico, Alexei optou por contar a história da poesia, ou seja, daquela que pertence ao gênero lírico.

Para melhor compreendermos a obra é indispensável a leitura do prefácio. Nele, Alexei Bueno expõe os parâmetros norteadores de seu trabalho e também permite ao leitor mais atento perceber, através das impressões da linguagem por ele utilizada, a intenção de escrever para um determinado público.

Sensível ao tema - poesia - visto também ser poeta, ele inicia seu prefácio com uma breve exposição conceitual sobre o que é poesia, o que realiza na companhia de duas definições e de versos de Jorge Luis Borges. Surge, então, seu primeiro recorte acerca do estudo que é objeto da obra - a poesia: "É dessa arte requintadíssima, como todas as outras, quando alcançam sê-lo, em nosso país, que tratamos no presente livro." (BUENO, 2007, p.9). O autor registra ainda que "A leitura aprofundada da poesia exige, do leitor, uma sensibilidade incomum, que é, quase sempre, como uma outra forma de arte, ainda que passiva." (BUENO, 2007, p.9). Esta observação, aliada ao uso de expressões de uma linguagem elevada, como por exemplo: ecdótica, azianismo, aticismo e epigônico (entre outras) que, por certo, nublarão a leitura do indivíduo menos envolto no mundo das letras; permite perceber que Alexei Bueno escreve para um leitor culto, capaz de apreender o significado das expressões utilizadas e compreender a relação histórica e literária que ele expõe em seu texto. Por fim, a última frase de seu prefácio deixa esta questão evidente "(...) o texto para prazer e ciência do leitor." (BUENO, 2014, p.14).

Além do público a que pretensamente a obra se destina, do conceito de poesia que é estabelecido, o autor também expõe enfaticamente a sua visão sobre o trabalho do crítico, que, na obra, também será o seu:

A primeira exigência de toda crítica séria é a limitação ao mínimo das idiossincrasias pessoais, já que a sua eliminação é impossível. A grande poesia, no entanto é escandalosa, como a má poesia também. Pode haver ciência literária, sobretudo no sentido etimológico da palavra, para análises sociais da gênese de fenômenos literários, para a fixação de textos para a ecdótica e a filosofia. Para a apreensão estética da poesia, como obra de arte, que é o que ela é, não. Nesse ponto não há crítica que não seja impressionista, palavra respeitadíssima quanto a objetos pictóricos, e execradíssima em ambiente crítico (BUENO, 2014, p.10).

Esse tom "impressionista" irá percorrer a obra. Com esta opinião (a impossibilidade de eliminação total de idiossincrasias) concorda Eliot, "[...] a crítica é tão inevitável como respirar e de que nada tínhamos a perder se articulássemos o que nos passa pela mente ao lermos um livro que nos emociona e criticássemos as nossas próprias ideias quando elas se

**Revista *EnsiQlopédia*, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 13-24**

entregam à sua tarefa de crítica." (ELIOT, p. 22), e também Moretti: "Paixão", "emoções", "sentimento": indicam aquele objeto incerto que a crítica literária talvez prefira ignorar, mas que nem por isso desaparece de seu campo de ação." (MORETTI, p.17). Assim, é lícito afirmar que há correspondência de ideias presentes no texto com aquelas manifestadas nos textos de teoria da história da literatura - como alguns casos citados nesse trabalho - e podemos concluir que Alexei Bueno é conhecedor dos aspectos teóricos que envolvem os estudos de teoria da história da literatura; o que sem dúvida, irá contribuir para o objetivo declarado:

O que buscamos neste livro é justamente traçar uma linha histórica da poesia brasileira com o mínimo de idiossincrasias, e com uma visão aguda de cada autor dentro de sua própria visão de mundo, sua época e estilo. Há simplificações nefastas na percepção vulgar da literatura e das outras artes no Brasil. A pior delas, sem dúvida, é o fruto da ideologia do progresso, essa noção da história e da humanidade como uma superação perene que invadiu o Ocidente a partir do século XVIII. Levada ao domínio da arte, tal postulação é das mais desastrosas, criando a ilusão de que o mais recente é sempre superior ao anterior [...] Só um parvo julgaria que o Modernismo é intrinsecamente superior ao Romantismo... (BUENO, 2007, p.11).

A frase final, acima citada, remete-nos quase que imediatamente ao texto de Tynianov: "A noção de um sistema sincrônico em perpétua evolução é contraditória. O sistema da série literária é antes de tudo um sistema das funções da série literária, a qual está em constante correlação com as outras séries." (TYNIANOV, 1973, p.113). Esse diálogo com a teoria e o modo como o autor vê as questões de valor estético que envolvem o campo da arte "Muito mais lógica, em termos de estética, é a tradicional ideia de um tempo cíclico, um eterno retorno entre o apogeu e a decadência" (BUENO, 2007, p.11); introduzem o leitor no percurso que Alexei Bueno irá traçar na obra, começando por demarcar o início da poesia brasileira com o padre José de Anchieta (1534-1597) no período quinhentista até a poesia popular e de cordel que traz em apêndice no livro.

Os textos falam entre si, esta frase de Umberto Eco ilustra bem um importante conceito para a história da literatura: o conceito de influência de que trata Eliot, em resumo:

[...] o sentido histórico compele ao homem escrever não apenas com a sua própria geração no sangue, mas também com um sentimento de que toda a literatura... possui uma existência simultânea. Esse sentido histórico, que é um sentido do intemporal bem assim como do temporal, e do intemporal e do temporal juntos é que torna um escritor tradicional. E é ao mesmo tempo o que torna um escritor mais agudamente consciente do seu lugar no tempo, da sua própria contemporaneidade. Nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, detém sozinho, o seu completo significado (ELIOT, p. 23).

Para usar uma linguagem popular: "não há um bom escritor que não seja também um bom leitor".

O conceito de influência que, segundo Eliot, é um princípio de crítica estética; o mesmo tipo de crítica que se propõe a realizar Alexei Bueno em seu trabalho: "O ponto de vista com que nele analisamos a poesia brasileira é estético, não sociológico ou outros" (BUENO, 2007, p.12), estará presente ao longo do texto, estabelecendo conexões para além do espaço de tempo de um determinado período literário como acontece, por exemplo, com o estudo da obra do poeta José Albano que é mencionado no capítulo "Barroco nos trópicos" e apresentado posteriormente no capítulo "Às vésperas da ruptura".

A partir da concepção, sempre enfatizada pelo autor, da literatura como objeto de arte e não como sociologia da arte - embora ele observe que, em alguns casos, o contexto social e a vida pessoal do autor não podem deixar de ser considerados, afirmando que, quando for o caso, assim o procederá - Alexei resolve a questão relativa à escolha dos poetas que serão tratados na obra, conforme o estabelecido:

Até o Romantismo, sobretudo no período da Colônia, onde tantos nomes têm um interesse apenas histórico, não é difícil listá-los quase integralmente, devido ao número relativamente reduzido de letrados num país colonial sem livros e sem imprensa. No Romantismo o número já cresce muito, mas é sobretudo a partir do Parnasianismo e do Simbolismo, e mais ainda no momento sincrético da dissolução desses dois movimentos, que o número de poetas menores começa a se tornar proibitivo.[...] Resolvemos, portanto, só tratar, a partir do terceiro quartel do século XIX, de poetas com obra inegavelmente significativa... A questão mais melindrosa, no entanto, é sempre a da absoluta contemporaneidade. Todos sabemos da dificuldade, quase da impossibilidade, de se julgar obras de arte... Buscamos, portanto, no geral, nos limitarmos a um mapeamento genético e estilístico dessa imensa galeria de contemporâneos, a parte do livro que, infelizmente, mas por motivos claros, mais cometerá omissões,

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 13-24**

das quais, em caso de injustiça, pedimos previamente desculpas. (BUENO, 2014, p.13).

Nesse trecho, como podemos observar, o autor esclarece os parâmetros que norteiam as suas escolhas e não hesita em usar expressões como "julgar obra de arte", e mesmo nos períodos em que declara ser reduzido o número de autores esse "julgamento" estará presente; o que nos faz entender porque alguns nomes são apenas citados ou mencionados, brevemente, em um resumo crítico e biográfico - como acontece, por exemplo, com Gilka Machado - e outros mais ricamente estudados, por exemplo, Cecília Meireles.

Expostos os aspectos relevantes ao procedimento de escrita da obra, Alexei Bueno mergulha na linguagem e na cultura para explorar o gracioso terreno da poesia brasileira; conduzindo o leitor numa trajetória que segue a ordem cronológica. O percurso se inicia no capítulo "Na terra Santa Cruz pouco sabida" até o capítulo "A poesia popular" com uma passagem final pela estação da "Tradução da poesia".

Vamos, então, a um breve vislumbre dessa sensível jornada com o intuito, em especial, de observar como Alexei Bueno estabelece o intrincado conjunto de "influências" que se configuram no contexto literário. Nossos recortes não pretendem, no entanto, mostrar todas as situações em que tais relações se estabelecem, mas apenas ilustrar alguns casos que permitem perceber como isso se dá ao longo da obra *Uma história da poesia brasileira*, de Alexei Bueno.

O capítulo "Na terra Santa Cruz pouco sabida" inicia com a seguinte observação do autor: "Não é tarefa fácil estabelecer um critério com que demarcar o momento em que uma nação - ou o território que se transformará numa nação - surge para a poesia, ou na poesia, tal como em qualquer lugar outra manifestação estética." (BUENO, 2014, p.15). Após esse registro, o autor menciona que, embora canções e relatos míticos tenham, originalmente, servido de inspiração a poetas, ele irá se limitar aos

textos pertencentes à língua portuguesa e ao Brasil histórico. O autor nos apresenta esse Brasil a partir dos versos de Camões, nos quais, ele informa: "teve o nosso país a verdadeira porta de entrada na poesia universal" (BUENO, 2014, p.15), e, em seguida registra, como não poderia deixar de ser, o trabalho de José de Anchieta sobre quem recai indiscutível importância histórica. O autor destaca que "a índole do nosso lirismo são sem dúvida certas poesias religiosas de perfeita singeleza, uma singeleza que talvez só tenha vindo a repetir-se em alguns momentos do nosso Romantismo", estabelecendo assim uma relação entre esses dois períodos que formam simbolicamente o nascimento do Brasil, e apresenta dois poemas de Anchieta sobre os quais destaca a temática abordada nos textos. Depois, passa a uma curta análise de um texto de Bento Teixeira, autor do primeiro poema brasileiro escrito em português, onde relaciona a sonoridade das inserções de palavras tupis presentes em sua obra como um prenúncio do que se encontrará nos sonetos satíricos de Gregório de Matos. Atribui ainda à obra de Bento Teixeira uma "dívida camoniana" e acrescenta que apesar disso a *Prosopopeia* é "menos fraca que a fama que deixou" (BUENO, 2014, p.20).

Na sequência, temos o capítulo "Barroco nos trópicos" no qual o crítico afirma, é no barroco "que se expressarão as primeiras vozes realmente nacionais da poesia brasileira" (BUENO, 2014, p.21), entre essas vozes, a de maior destaque é a de Gregório de Matos Guerra, apontado pelo estudioso como o primeiro grande poeta do Brasil e sua literatura um caso dos mais complexos em relação ao estudo da obra, sobretudo, porque na época, muitas vezes, as traduções de textos literários não registravam a autoria de modo que, por vezes, poderia acabar agregada a obra de um autor textos traduzidos por ele. Alexei Bueno observa que a noção de autoria individual, no século XVII e antes dele, era muito mais tênue que a atual e, sobretudo, que a originalidade como valor estético estava longe de se afirmar, prevalecendo na época à mimese. Temos, aqui, um momento em que a influência de outros textos sobre a produção de um novo objeto

acontece de maneira bastante fluida e, parece despreocupada de qualquer dissimulação e foi tão intensa que gerou acusações de plágio, como veremos a seguir: Alexei Bueno aponta, na obra de Gregório de Matos Guerra, uma forte influência de poetas espanhóis "não se afastou do costume, e a sua fonte primordial foram justamente os grandes poetas espanhóis desse período áureo da poesia castelhana. Daí as acusações de plágio que tão comumente lhe foram lançadas" (BUENO, 2014, p.23) e também de Camões "No geral, domina-o a impressão do desconcerto do mundo, tão caro a Camões (...). Mas o que em Camões é uma espécie de constatação dolorosa, em Gregório é pretexto para uma comicidade impiedosa" (BUENO, 2014, p.26).

O autor ressalta a "mestria técnica" ressaltando o uso de palavras em tupi "com efeito admirável" (uso esse que aparece no trabalho de Bento Teixeira, apontado como um prenúncio do que viria em Gregório de Matos) recurso este que Alexei Bueno comenta na obra de Manuel Botelho de Oliveira Faria, ainda que com efeito diferenciado. Evidenciando assim a possível influência do trabalho de Gregório de Matos Guerra no procedimento de escrita de outros autores.

Em "*O teatro arcádico*", no estudo referente a Cláudio Manuel da Costa, Alexei Bueno menciona a respeito da obra do autor: "De sua poesia, na maior parte, inclusive qualitativamente, recolhida nas Obras, sobrevivem mormente, sem qualquer dúvida, os sonetos, nos quais, em boa linhagem petrarquista-camoniana, e sem um excessivo peso dos artificialismos arcádicos, o poeta alcança a sua melhor expressão lírica" (BUENO, 2014, p.39), aqui não apenas mostra uma influência como atribui a ela a qualidade que observa no texto. Também as *Cartas chilenas*, de Antônio Gonzaga, são associadas à influência de Montesquieu, como vemos: "A grande obra satírica do Gonzaga, as *Cartas chilenas*, tem por modelo evidente as *Lettres persanes* de Montesquieu." (BUENO, 2014, p.46).



Quando aborda o Romantismo em "A explosão romântica", Bueno deixa clara a sua apreciação pela obra produzida em tal período e dedica várias páginas de seu livro ao estudo de Gonçalves Dias "um dos poetas mais eruditos, que houve no Brasil" (BUENO, 2014, p.66) que Bueno menciona, entre outras coisas, como uma das influências presente na obra de Bernardo Guimarães, conforme podemos observar neste fragmento:

Entre os dispersos de Bernardo Guimarães encontram-se alguns poemas célebres (...). Lugar à parte tem os dois famosíssimos poemas pornográficos, duas obras-primas (...). O primeiro, além de ser uma das grandes realizações do gênero no Brasil, é exemplo admirável de paródia, nesse caso do Indianismo de Gonçalves Dias, de quem o poeta reproduz a forma e, de certa maneira, o tema. O segundo é típico do uso pornográfico da mitologia clássica (BUENO, 2014, p.74).

Entre as outras ligações que aparecem entre textos e autores, temos, por exemplo, a obra de Laurindo Rabelo, em parte, associada "a uma grande corrente da poesia em língua portuguesa desde o Camões" (BUENO, 2014, p.79) e a lembrança da marcante presença de citações bíblicas que acompanhou a obra de Castro Alves.

Por sua vez, nos capítulos "À sombra do parnaso" e "O sopro do simbolismo", encontramos a marca das influências literárias, como ocorre nos poemas "Profissão de Fé", de Bilac, e "Versos a um artista", de Raimundo Correia, todos, segundo Bueno, derivados mais ou menos diretamente de Théophile Gautier de *Émaux et camées*, no caso do primeiro. Quanto ao segundo, já na introdução do capítulo, o autor declara que o cenário simbolista está, ao menos num primeiro momento, sob a influência de figuras como Baudelaire e Verlaine. Bueno observa a influência de Castro Alves nos escritos empreendidos por Cruz e Souza entre a adolescência até seus vinte e poucos anos e posteriormente de Baudelaire, além das "ressonâncias shakespearianas" apontadas no poema "Meu filho". Cruz e Souza foi o poeta que mais evoluiu esteticamente na poesia brasileira, partindo de um estado muito canhestro até atingir as alturas mais rarefeitas, conforme afirma Bueno.

Em "Às vésperas da ruptura" são ricos os casos onde se percebe o aspecto das influências literárias, como por exemplo, o caso de José Albano (autor já mencionado neste texto) que, segundo Bueno, produz obra da mais difícil classificação, visto que, muito próximo temporalmente de movimentos como o modernismo, ele escreve em uma linguagem muito próxima a Camões, conforme expõe Bueno: "é num estilo voluntariamente anacrônico, camoniano, que ele compôs a sua pequena e preciosa obra poética" (BUENO, 2014, p.265).

Entre outros casos, temos: Felipe de Oliveira cuja obra, segundo Bueno, é devedora de Cesário Verde; Raul de Leoni e a proximidade, segundo Bueno, que pode se perceber em certos versos com Augusto dos Anjos de quem Leoni era "leitor entusiasmado", nas palavras de Alexei Bueno; e Sosígenes Costa, cuja obra é permeada por referências bíblicas e populares.

"A festa modernista" no que diz respeito à influência literária, traz-nos, além de outras figuras, Guilherme de Almeida, que Alexei Bueno diz demonstrar "uma forte influência penumbriada, com toques marcantes de Cesário Verde" (BUENO, 2014, p.297); e casos como o de Oswald de Andrade em sua tendência modernista de criar paráfrases, por exemplo, evoca Casimiro de Abreu ou Gonçalves Dias; ou ainda, como faz Mário de Andrade que, pela opção da forma às vezes derivada da nossa poesia barroca, recorda, especialmente, de Gregório de Matos; somam-se a esses, Jorge de Lima com *Invenção de Orfeu* que traz "reiteradas referências a Camões, a Dante..." (BUENO, 2014, p.306), e Cassiano Ricardo, em cuja obra pode-se notar certa influência de João Cabral de Melo Neto e de Ferreira Gullar.

No capítulo "Dissoluções e derivações do Modernismo" o aspecto que estamos observando é apontado como um prejuízo à obra *Os peões*, de Gerardo Melo Mourão, Alexei Bueno diz que a obra foi "prejudicada pela influência fidalga dos *Cantos* de Ezra Pound, em sua gênese, influência inclusive confessa que se percebe desde o título, além do uso muito semelhante de elementos visuais." (BUENO, 2014, p.297).

**Revista *EnsiQlopédia*, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 13-24**

Assim também no capítulo "A poesia popular" uma importante conexão é mencionada: a influência do cordel tanto na poesia de João Cabral de Melo Neto como na prosa e no teatro de Ariano Suassuna, demonstrando, assim, que o erudito e o popular, por vezes, tocam-se e permeiam-se, nessa tinta mágica com a qual os versos são feitos.

Confessa ou inconfessa, enriquecedora ou prejudicial (aos olhos da crítica), surgida de forma consciente ou inconsciente, revelada em seus aspectos de admiração ou de sátira e ironia, as influências literárias, incontestavelmente, revelam-se aos olhos de leitores ávidos e atentos desde que tragam, em sua bagagem, as informações e a sensibilidade suficientes e necessárias para percebê-la.

Ao longo da obra *Uma história da poesia brasileira*, Alexei Bueno utiliza-se, como já mencionamos, de uma linguagem erudita; os aspectos literários e históricos são abordados de um ponto de vista em que o leitor é subentendido como alguém que domina tais conhecimentos. O autor, ao longo do seu trabalho, não hesita em estabelecer comparações e a atribuir (ou destituir de) um valor estético aos textos que examina, procedendo, em geral, a uma análise dos procedimentos construtivos e do tema, apresentando de maneira breve, a biografia dos poetas citados e, como vimos ao longo desse texto, relaciona as possíveis influências literárias presentes no trabalho de autores. Este último é, no nosso ponto de vista, um dos aspectos que mais contribuem para o pretendido pelo autor, na obra que escreve: analisar a poesia brasileira pelo viés estético. Visto o que retomamos nas palavras de Eliot:

[...] o sentido histórico compele ao homem escrever não apenas com a sua própria geração no sangue, mas também com um sentimento de que toda a literatura... possui uma existência simultânea. Esse sentido histórico, que é um sentido do intemporal bem assim como do temporal, e do intemporal e do temporal juntos é que torna um escritor tradicional. E é ao mesmo tempo o que torna um escritor mais agudamente consciente do seu lugar no tempo, da sua própria contemporaneidade.(...) Nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, detém sozinho, o seu completo significado. Entendo isto como um princípio de crítica estética" (ELIOT, p.23,24).

Acreditamos que o estudo da poesia brasileira realizado por Alexei Bueno é uma rica fonte para quem deseja conhecer e melhor desfrutar da espécie lírica que se configurou e que é praticada no fabuloso exercício das letras em nosso país: uma poesia brasileira.

### Referências:

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.

ELIOT, T.S.. *A tradição e o talento individual*. São Paulo: Art Editora, 1989.

MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

TYNIANOV, J.. In: EIKHENBAUM, B. *Teoria da literatura formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.